

## A FIGURA DO ESTRANGEIRO NOS ROMANCES *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA E LINHA DO PARQUE*

Alcir de Vasconcelos Alvarez Rodrigues (UFPA)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O propósito fundamental deste trabalho é estudar o contexto narrativo no qual se insere a figura do estrangeiro nos romances *Chove nos campos de Cachoeira* e *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir (1909-1979), enfocando mais de perto a tríade autor-narrador-personagem, com ênfase no “olhar daquele que narra” e as estratégias fabulativas que usa para tal. O autor, considerado como o Romancista da Amazônia, escreveu dez obras que compõem um ciclo romanesco, o Ciclo do Extremo-Norte, em que as ações dos personagens transcorrem ancoradas no espaço ficcional da Amazônia paraense (Marajó, Belém e Baixo Amazonas), no início do século XX. Sendo o primeiro da série, Dalcídio chamou *Chove nos campos de Cachoeira* de “romance-embrião”, de onde desaguarão os outros nove, dele se nutrindo e amplificando e aprofundando as temáticas nele contidas. *Linha do Parque* compõe solitariamente o Ciclo do Extremo-Sul, romaneando a história de operários (marítimos, portuários, tecelãs, proletários em geral) no Porto do Rio Grande, sob encomenda do PCB, seguindo, de modo geral, os pressupostos do Realismo Socialista. Nesses dois corpora de análise, o interesse da pesquisa se volta para quem seria o estrangeiro (‘o outro’, o forasteiro, ‘o que vem de fora’). Em *Chove nos campos de Cachoeira*, é o Dr. Lustosa, latifundiário e político ganancioso, sedento pelas rédeas do poder. Já em *Linha do Parque*, trata-se de Iglezias, revolucionário anarquista espanhol, que deixou sua pátria para não ser perseguido, preso, torturado, ou assassinado, fixando-se no Rio Grande, em 1895, passando a ser uma das lideranças da União Operária.

**Palavras-chave:** Estrangeiro. *Chove nos campos de Cachoeira*. *Linha do Parque*. Ciclo do Extremo-Norte. Ciclo do Extremo-Sul. Dalcídio Jurandir.

## LA FIGURA DEL EXTRANJERO EN LAS NOVELAS *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA Y LINHA DO PARQUE*

**RESUMEN:** El propósito fundamental de este trabajo es estudiar el contexto narrativo en el cual se insiere la figura del extranjero en las novelas *Chove nos campos de Cachoeira* y *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir (1909-1979), enfocando más de cerca la tríada autor-narrador-personaje, con énfasis en “la mirada de aquel que narra” y las estrategias fabulativas que usa para tal fin. El autor, considerado como el romancista de la Amazonía, escribió diez obras que componen un ciclo novelesco, el Ciclo del Extremo-Norte, em que las acciones de los personajes transcurren ancladas en el espacio ficcional de la Amazonía paraense (Marajó, Belém y Bajo Amazonas), en las primeras décadas del siglo XX. Por ser la primera de la serie, Dalcídio llamó *Chove nos campos de Cachoeira* de “romance-embrião” (novel semilla), de

<sup>1</sup> E-mail [ay21a@yahoo.com.br](mailto:ay21a@yahoo.com.br). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (área de concentração em Estudos Literários) do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará.

donde resultarán las otras nueve, de ella nutriéndose y amplificándose y profundizando las temáticas en ella contenidas. *Linha do Parque* compone solitariamente el Ciclo de el Extremo-Sur, narrando la historia de obreiros (trabajadores marítimos, portuários, tejedoras, proletários en general), en el Porto do Rio Grande, de encargo del PCB, siguiendo, de modo general, los presupuestos del Realismo Socialista. En estos dos *corpora* de análisis, el interés de la investigación se vuelve para quien sería el extranjero ('el otro', el forastero, 'lo que viene de afuera'). En *Chove nos campos de Cachoeira*, es el Dr. Lustosa, latifundista y político codicioso, sediento por las riendas del poder. Ya en *Linha do Parque*, se trata de Iglesias, revolucionário y anarquista español, que dejó su pátria para non ser perseguido, detenido, torturado, o asesinado, fijándose em el Rio Grande, em 1895, passando a ser uma de las liderazgos de la Unión Operaria.

Palabras-clave: Extranjero. *Chove nos campos de Cachoeira*. *Linha do Parque*. Ciclo del Extremo-Norte. Ciclo del Extremo-Sur. Dalcídio Jurandir.

### **1 Introdução: Dalcídio Jurandir, autor de *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e *Linha do Parque* (1959)**

Trata-se de um estudo com caráter de derivação, pois está ligado ao projeto de tese de doutorado, aprovado na seleção para o **Doutorado em Letras** do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (com início do curso a partir de março de 2015 e término previsto para fevereiro de 2019), com o título provisório de *Uma leitura dos Extremos em Dalcídio Jurandir*, com previsão de defesa até fevereiro de 2019. Parte de um ponto comum ligado à Tese, mas segue uma direção paralela, um estudo na lateralidade Logo, uma pesquisa ainda em progresso.

Dalcídio Jurandir nasceu em Ponta de Pedras, em 1909. Em 1910, a família já estava em Cachoeira do Arari, onde o futuro romancista viveria até 1922, quando partiu para Belém, com o intuito de dar continuidade aos estudos. Viajou mais tarde para o Rio, precariamente, mas lá não pôde se fixar, retornando a Belém. Foi preso por convicções políticas, na década de trinta, pois era comunista convicto. Foi laureado com importantes prêmios de literatura, como o Vecchi-Dom Casmurro, o Paula Brito, O Luísa Cláudio de Sousa, o Machado de Assis (da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, 1972), entre outros. Publicou onze romances, dez deles compondo o Ciclo do Extremo-Norte, que são *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó*

(1948), *Três casas e um rio* (1958), *Linha do Parque* (1959, este fora do Ciclo), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes*, *Chão dos Lobos* (ambos de 1976) e *Ribanceira* (1978). Faleceu, deixando planos para continuar sua obra, a 16 de junho de 1979, no Rio de Janeiro. Em 2008, recebeu como homenagem, a criação do Prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura, da Secretaria de Cultura do Pará. Contudo, vale ressaltar, o autor marajoara ainda padece de um apagamento histórico, sendo pouco lido, publicado ou divulgado.

*Chove nos campos de Cachoeira* (1941) é o primeiro romance de Dalcídio Jurandir e do Ciclo do Extremo-Norte, sendo por isso denominado pelo autor de “romance-embrião”. Foi escrito preliminarmente em 1929 e reescrito em 1939. Em 1940 saiu como 1º lugar no concurso literário Vecchi-Dom Casmurro. Finalmente, publicado em 1941, traz por tema a vida cotidiana da Vila de Cachoeira, no arquipélago de Marajó, pelos anos finais da década de 1910. Dividem a importância maior dentro da trama narrativa os meio-irmãos Alfredo e Eutanázio. Vivem no mesmo chalé, com seu Alberto, dona Amélia e a filhinha Mariinha. Alfredo é um menino sonhador, sempre a brincar e fantasiar com seu carço de tucumã, objeto mágico, sua lâmpada de Aladim. Sonha em ir estudar na capital, Belém, no que recebe apoio da mãe, mas não do pai, o apático secretário da intendência de Cachoeira e auxiliar do promotor público. Além disso é dono de uma tipografia que, esporadicamente, imprime um pequeno jornal local. Tem a mente repleta de projetos, que nunca leva adiante. Já sua mulher, não casada oficialmente com ele, Amélia, iletrada, de pele negra, é que tem um pensamento mais voltado para o lado prático da vida, ora muito respeitada e querida por parte considerável do povo de Cachoeira, ora vítima de preconceito, o que, de certa forma, afeta Alfredo, garoto mestiço; mulato, portanto, já que seu pai é branco.

Eutanázio, filho de um primeiro casamento do major Alberto, homem já maduro (uns 40 anos), marcado pelo fracasso, pelo desprezo ao mundo e a si mesmo, vive um amor obsesivo pela jovem Irene, que demonstra claramente o asco que por ele sente. Diferentemente de Alfredo, que povoará as páginas de 8 dos outros 9 romances subsequentes do Ciclo, Eutanázio define até a morte neste primeiro livro, em decorrência de uma doença sexualmente transmissível (DST), possivelmente sífilis, que

contraiu da prostituta Felícia, moça pobre e sofredora. Então, vê-se que esse microcosmo, que é *Chove nos campos de cachoeira*, apresenta ao leitor uma realidade que, por seus valores humanos, difere das abordagens anteriores de muitos ficcionistas, em que surgia a majestosa floresta (a hileia amazônica, o paraíso terreal, ou o inferno verde) como determinante do comportamento do ser humano, sujeito esse acima de tudo na obra dalcidiana, povoada de personagens que ele denominava de “aristocracia de pé no chão”, que podemos conhecer um pouco melhor por esta passagem do livro-tese de doutorado *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*:

[...] a pandemônica família de seu Cristóvão e sua mulher Dejanira, junto a quem estão sete mulheres – filhas, enteadas e netas do casal – além de Cristino, filho deles; em torno da costureira Duduca, ligados pela fofoca, estão o velho Guaribão, seu Araguaia, mestre Antônio, velho Abade, seu Gomes e, esporadicamente, Dr. Campos, o juiz substituto de Cachoeira; ligados à memória de Siá Rosália, estão seus filhos Didico, Rodolfo, Ezequias, Lucíola e dadá, na casa que lhes ficou de herança. Todos esses personagens habitam a parte central de Cachoeira, pois que a periferia é a rua das palhas onde mora em um barraco a prostituta Felícia. Dentre outras personagens cabe destaque ao bêbado Dionísio, ao gordo casal Domingão e dona Emiliana, e ao taberneiro Salu, grande leitor de folhetins (FURTADO, Marlí Tereza, 2010, p. 23-24).

É uma síntese quase topográfica de personagens permanentes na narrativa, pois muitos outros aparecem e desaparecem, deixando sua contribuição para a economia da narrativa. Entre eles, podemos citar o casal João e Ângela, mãe Ciana, Gualdino, Ulisses, Sevico e Clara. No meio deles emerge o Dr. Casemiro Lustosa, sobre o qual nosso foco de atenção recairá, *a posteriori*, neste estudo.

Em 1950 o romancista paraense aceitou a incumbência, pelo PCB, partido a que era filiado, de pôr em romance a história de operários (marítimos, portuários, tecelãs, enfim, proletários em geral) no Porto da cidade do Rio Grande (no Rio Grande do Sul), seguindo os pressupostos do realismo socialista, que era a estética oficial da (na época) União Soviética, postulada por Stalin e seu braço direito Andrei Zhdanov. Daí nasceu *Linha do Parque* (1959). De todos, este é o romance menos conhecido de Dalcídio. Para discorrer sobre essa obra, primeiramente, emprestamos a voz ao próprio Dalcídio:



*Linha do Parque* se passa no outro extremo. É a história do movimento operário no Rio Grande do Sul desde 1895. Eu fiz uma pesquisa longa no meio dos velhos operários anarquistas. Levantei um quadro do Rio Grande. O livro não agradou. Os operários ficaram zangados porque eu não embelezei o quadro. Apareceu muita miséria. E eles ficaram zangados comigo. Mas é um livro que eu tenho muita fé, como romance político (JURANDIR, Dalcídio, apud SANTOS, 2013, p. 41).

O romance proletário de Dalcídio Jurandir amargou alguns anos engavetado e sem ser publicado, boicotado por quem o encomendou (a direção do PCB brasileiro), muito por não seguir ao pé da letra a cartilha de Zhdanov em relação ao realismo socialista, principalmente pelo destaque dado aos personagens anarquistas que, de início, foram liderança na União Operária, e só muito tempo depois é que os socialistas passaram a liderar a instituição, capaz esta de agregar operários de diversos setores, tanto do comércio quanto da indústria. Concluído próximo a 1955, o livro só foi publicado em 1959, após renovação na direção do PCB e abrandamento do sectarismo que lá existia dos tempos de Stalin.

O livro *Linha do Parque* ganha este título por causa do episódio trágico que motivou sua escrita, conhecido como “Massacre na Linha do Parque”, ocorrido em 1º de Maio de 1950, na cidade do Rio Grande, quando operários, após festejarem a data com um churrasco – “[...] em frente ao entroncamento de bondes, ao final da Linha do Parque, que era uma rota de bondes bastante caracterizada pelo intenso tráfego de operários indo ao trabalho nos dias úteis, hoje localizada próximo à entrada da zona urbana da cidade” (SAN SEGUNDO, Mario Augusto Correia, 2012, p 1) –, saem em passeata pela cidade, pedindo a reabertura da Sociedade União Operária, fechada pelo Ministério da Justiça. No confronto com a polícia, 5 pessoas morreram: 3 manifestantes e 1 militar, além de uma pessoa que apenas passava pelo local.

Dos romances escritos por Dalcídio, é o mais extenso, com mais de 500 páginas, dividido em 7 partes. Uma interessante sinopse do livro é a de Carlos Peres: “*Linha do Parque* registra o vigor e a coragem da classe operária rio-grandina em sua trajetória de lutas, perdas e conquistas durante toda a primeira metade do século XX” (PERES,

Carlos Roberto Cardoso, 2006, p. 71). A história tem início quando desembarca da escuna Elisa o anarquista espanhol Luís Iglezias, que chega ao Rio Grande em 1895, escapando ao risco que correria após ações ativistas em sua terra natal. Daí, passaria a divulgar na América Latina as ideias anarquistas. Nesse momento, passa a conhecer muitas pessoas e faz amizade com algumas, entre elas o carroceiro Luís Pinheiro e a dona do hotel Triunfo (onde se instala), dona Consuelo.

Apaixona-se por Dulce, mas acaba casando com Marcela, que está grávida de um outro homem. Faz isso por nobreza de caráter, para protegê-la. Com o tempo, conhecem-se melhor e acabam por se amar de verdade. Tal fato ocorre em meio à participação de Iglezias na União Operária, estimulando ações desta com ideias e doação de livros, por exemplo. A partir daí, torna-se verdadeiramente uma liderança, juntamente com outros personagens, muito participativos de greves e motins ali no Rio Grande. São: Luís Pinheiro, Saldanha, Perez, Pizarro, Marcela, Estela, Madalena, Joana, Julieta, etc. Pode-se afirmar que constituem uma 1ª geração de operários/as ainda em processo de organização e conscientização, com orientação predominantemente anarquista.

O desenrolar das ações ocorre em meio a um painel de eventos históricos que emolduram a trama narrativa, como de modo transversal aos dramas pessoais e familiares da classe operária. Assim, episódios conflitivo da Velha República como a Revolta da Chibata e a Revolta da Vacina, por exemplo, dão-se a conhecer pelo leitor, que, em meio a esse quadro, acompanha o nascente grito do trabalhismo no Brasil, mas representado a partir de um microcosmo no âmbito daquele município do Rio Grande, em um contexto de exploração desmedida do trabalhador: excesso de trabalho, pouco descanso, baixa remuneração, muita cobrança, só deveres e quase nenhum direito. E, como não poderia deixar de ser, o tempo passa e os personagens – dos quais sem dúvida nenhuma avulta como protagonista o espanhol Iglezias –, adoecem, envelhecem, cansam-se das greves, ou falecem. É aí que aparece a 2ª geração de operários e sua liderança, que seria de Ângelo, filho de Marcela e (tido como de) Iglezias, além de seus irmãos Vicente e Miguel, acompanhados por “[...] Adamastor, Alda, Euclides, Suzana, Fagundes, Jesus Barros e Maria (representando a tecelã Angelina Gonçalves) [...]”

(PERES, Carlos Roberto Cardoso, 2006, p. 84). É protagonizada por essa 2ª geração o episódio do conflito na Linha do Parque, mencionado parágrafos antes. Encerra-se este resumo do livro com estas palavras, de Temístocles Linhares: “Esse foi, sem dúvida nenhuma, o livro em que o autor mais deixou transparecer a sua concepção materialista e dialética da história, desejando a redenção econômica, dentro do modelo marxista” (LINHARES, Temístocles, 1987, p. 439).

O tema do estrangeiro, a partir dos personagens Dr. Casemiro Lustosa e Luís Igrezias passarão a ser objeto de nossa reflexão, não sem antes apresentar-se um panorama a respeito dessas ideias relacionadas ao que é e quem é o estrangeiro na nossa sociedade, demonstrando que o tema não vem de uma discussão nascida subitamente, mas que já tem raízes mais profundas, entranhadas nas fendas do tempo e do espaço.

## 2 O estrangeiro

Nas palavras de Maria Salete Kern Machado,

O tema estrangeiro aparece na literatura, desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, e o conceito de estrangeiro é normalmente utilizado para definir o que é de outro país, pessoa que não é natural do país ou do lugar onde está, mas também é empregada no sentido de ser estrangeiro em seu país pelo fato de não conhecer suas leis, seus usos, seus costumes ou mesmo para denominar a ausência de vínculos comuns com o grupo social. (MACHADO, 1999, p. 50)

O deslocamento de pessoas de um território para outro, então, não é algo fora do comum nem começou recentemente. A viagem, seja motivada por relações comerciais, diplomáticas, exploratórias (vinculadas ao conhecimento, lazer, conquista ou colonização), seja motivada por forças coercivas, direcionadas a um indivíduo ou grupo, partindo de um poder individual ou de um grupo dominante, estando ou não vinculado ao poder oficial e institucionalizado, o fato é que a condição de ser ou estar estrangeiro, temporária ou permanentemente, já faz parte da vida humana há muito, com os benefícios ou malefícios que existiram e existem ainda hoje, em qualquer lugar do planeta.

Associado a essas ideias de Maria Salete Kern Machado, e recuando mais ainda no tempo, vinculado a conceitos do sistema mítico-religioso judaico-cristão, está o pensamento singular de Jean Chevalier, contido em seu *Dicionário de símbolos*:

**ESTRANGEIRO:** O termo *estrangeiro* simboliza a situação do homem. Com efeito, quando Adão e Eva são expulsos do paraíso, abandonam sua pátria e possuem, a partir desse momento, estatuto de estrangeiro, de emigrado.

Fílon de Alexandrina (sic!) observa que Adão foi **expulso** do paraíso, ou seja, condenado ao exílio, Assim, todo filho de Adão é um hóspede de passagem, um estrangeiro em qualquer país em que se encontre, a até mesmo em seu próprio país. *Pois, cada um de nós entrou neste universo como se entrasse numa cidade estrangeira, com a qual não tivesse nenhuma ligação antes de nascer; e, uma vez aqui dentro, o homem jamais deixa de ser um hóspede de passagem, até ter percorrido de um extremo ao outro a duração de vida em que lhe houver sido atribuída... Rigorosamente falando, só Deus tem cidadania*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 403. Negrito e itálicos dos autores).

Reflexões semelhantes às de Julia Kristeva, que ela expõe no livro *Estrangeiro para nós mesmos*.

### 3 O estrangeiro em *Chove nos campos de Cachoeira e Linha do Parque*

Quem é o estrangeiro nos *corpora* de análise? ‘O outro’, o forasteiro, ‘o que vem de fora’, em *Chove nos campos de Cachoeira*, é o Dr. Lustosa, advogado, investidor e especulador imobiliário, latifundiário e político ganancioso, sedento pelas rédeas do poder. Já em *Linha do Parque*, trata-se de Iglezias, revolucionário anarquista espanhol, que deixou sua pátria para não ser perseguido, preso, torturado, ou assassinado, fixando-se no Rio Grande (município do Rio Grande do Sul), em 1895, passando a ser uma das lideranças da União Operária. Ambos tipificam em seus papéis narrativos a existência de sujeitos que, no espaço extraliterário, comportam-se de um modo típico característico de seu *métier* e classe socioeconômica.

Casemiro Lustosa é um personagem secundário. Claramente ficcionaliza um representante da classe hegemônica, disposto a tudo fazer para ter dinheiro, prestígio e



poder. Embora se autointitule ‘utopista’, de fato o que se percebe é que se trata de um mentiroso, hipócrita, ganancioso e oportunista. Diferentemente de Iglezias, este personagem alia-se ao povo em benefício de si mesmo. Iglezias é utópico e acaba por viver na cidade do Rio Grande, adaptando-se à vida ali, sendo proletário entre proletários, ajudando — na verdade sendo uma das lideranças— na fundação da União Operária. Não almeja o poder para si, mas para o grupo. Almeja para a coletividade o poder de governar o Estado, que deve voltar sua atenção para políticas públicas mais igualitárias. Para alcançar tal poder, precisaria da ação da União Operária, como entidade representativa das classes oprimidas.

#### 4 Considerações finais

Após todas essas reflexões, deste estudo em andamento, restam ainda algumas outras perturbadoras, ou, talvez, adjetivadas simplesmente como incômodas: quem ou o que não poderia ser considerado um tipo de estrangeiro neste microcosmo de pesquisa sobre o qual este artigo se deteve? O autor, Dalcídio, não deixou de ser um estrangeiro no tempo em que esteve no município do Rio Grande (RS), em 1950, 1951 e 1953, enquanto fazia pesquisas para escrever *Linha do Parque*, que não deixa de ser um livro deslocado, “fora do Ciclo do Extremo-Norte”, uma espécie de obra estrangeira no todo de sua produção romanesca. Além dos personagens Iglezias em um romance, e Lustosa em outro, Eutanázio seria a personificação do ser humano “dentro de uma concha”, mas fora do mundo. Alfredo, menino mestiço, mulato, não se identifica muito bem com sua realidade. Quer deixar Cachoeira e ir para Belém, assim como Dalcídio, que deixou Marajó, deixou Belém, deixou o Pará, para morar no Rio de Janeiro. Mas não perdeu sua identidade. Só se sentiu um estrangeiro em 1952, por exemplo, quando viajou para a Rússia. Por outro lado, o leitor, dependendo do contexto da leitura, pode sentir-se, também, um deslocado, sentimento bem colocado nas palavras de Kristeva:

“Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da

cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta de nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o “nós” precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades.” (KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. RJ: Rocco, 1994, p. 9.)

## Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. (Coleção Histórias de Leitura.)

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*: [apresentação Rosa Assis]. [Nova e definitiva ed.]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

JURANDIR, Dalcídio. *Linha do Parque*. – Edição especial–Santarém: Clube de Autores, 2013.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. RJ: Rocco, 1994.

LINHARES, Temístocles. Do extremo Norte ao extremo Sul. In: \_\_\_\_\_. *História crítica do romance brasileiro: 1728-1981*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1987, p. 401-441.

SANTOS, Alinnie Oliveira Andrade. *A personagem feminina em Linha do Parque, de Dalcídio Jurandir*. Orientadora: Marlí Tereza Furtado. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2013.

PERES, Carlos Roberto Cardoso. *Linha do parque, de Dalcídio Jurandir*: romance histórico, social e proletário (a gênese do movimento operário no Extremo Sul do Brasil). Orientadora: Núbia Tourrucão Jacques Hanciau. Dissertação (Mestrado). Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006.